

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS. O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

f Emancipação Socialista

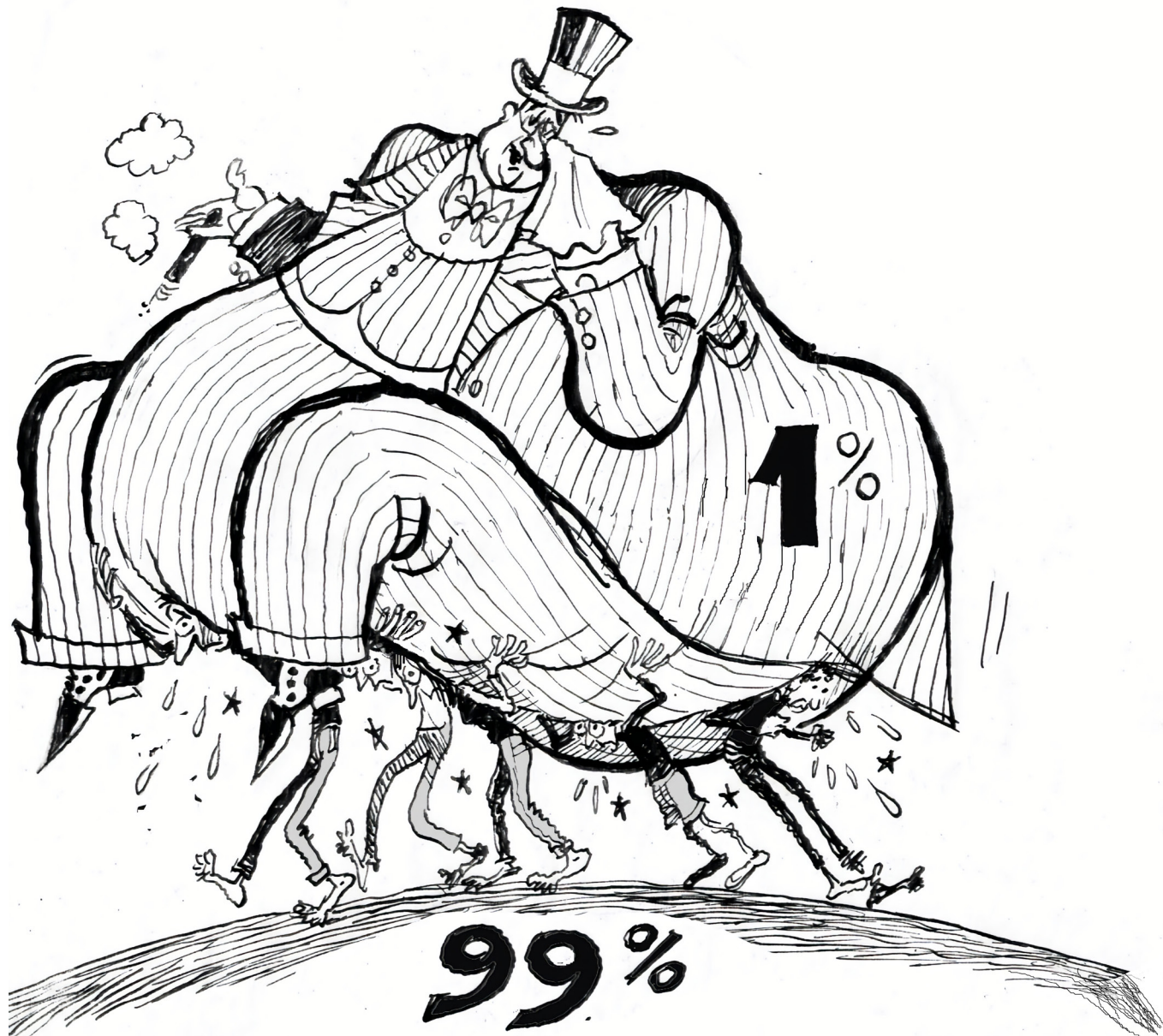
(11) 98702-4048

www.emancipacaosocialista.org

Nº 6 15/10 a 14/11 de 2019

R\$ 2,00

UBERIZAÇÃO: A NOVA FACE DA EXPLORAÇÃO CAPITALISTA



3

**A EDUCAÇÃO NO BRASIL
E AS INVESTIDAS DO
AUTORITARISMO**

6

**52 ANOS SEM CHE
GUEVARA**

7

**REBELIÃO POPULAR NO
HAITI PARA DERRUBAR O
GOVERNO**

5

**BALANÇO DO 4º
CONGRESSO DA CSP
CONLUTAS**

6

**A NECESSIDADE DE SE
REBELAR CONTRA ESSE
SISTEMA**

8

**CLUBE EMPRESA: O
FIM DO FUTEBOL COMO
MANIFESTAÇÃO CULTURAL**

DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”

“A JUÍZA TEM SEUS 40 ANOS E ELA É MUITO BONITA. TEM UMA BELEZA DE PARAR O TRÂNSITO, MAS NÃO PRECISA PRATICAR, NÉ, PESSOAL?”



Frase do prefeito carioca Marcelo Crivella sobre a juíza Mirela Erbisti, após a magistrada manter a decisão de interditar a Avenida Niemeyer, na Zona Sul da cidade, onde houve o desabamento da ciclovia Tim Maia com vítimas fatais. Diante da repercussão negativa e do repúdio de diversas entidades, o prefeito ainda tentou se desculpar pela afirmação machista alegando o seu “espírito carioca”.

O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

Bolsonaro resolveu ter um partido para chamar de seu

O PSL, com registro regularizado no TSE desde 1998, nunca teve relevância no cenário político e sua primeira candidatura à presidência foi só em 2006.

É uma lenda de aluguel, para oferecer espaço para os parlamentares que querem mudar de partido e assim aumentar o valor do fundo partidário. Com a vitória de Bolsonaro – que se filiou só para concorrer a Presidente-se tornou a segunda maior bancada da Câmara Federal com 52 deputados federais. Também conseguiu eleger 4 senadores.

É controlado pelo deputado por Pernambuco Luciano Bivar, mas o inquilino Bolsonaro (é de supor que seus filhos também) quer o controle do partido. E é aí que começa a confusão. Com um fundo partidário maior e comandando comissões (e cargos) na Câmara e no Senado, a coisa ficou mais desejada.

Para ter o controle do partido, Bolsonaro nem parece se importar com os escândalos envolvendo o partido, no melhor estilo de “velha política”. Vejamos alguns:

- O Ministro do Turismo, Marcelo Antônio, patrocinou um esquema de quatro candidaturas laranjas e, Minas Gerais abastecidas com verba pública do PSL e

continua Ministro;

- Luciano Bivar também tem as suas laranjas. Em Pernambuco uma candidata recebeu cerca de 400 mil reais do partido. Mesmo com todo esse dinheiro teve só 274 votos;

- Gustavo Bebianno, à época Ministro da Secretaria-Geral da Presidência, liberou R\$ 250 mil de verba pública para a campanha de uma ex-assessora, que repassou parte desse dinheiro para uma gráfica registrada em endereço de fachada;

- A lista é grande, mas não dá para esquecer Flávio Bolsonaro, filho de Bolsonaro e Senador pelo Rio de Janeiro. Contra ele tem várias acusações, como declarar bens incompatíveis com seus rendimentos, fazer a “rachadinha” (pegar de volta parte dos salários dos assessores do seu gabinete) e movimentações “atípicas”, mas onde melhor desempenha seu papel é esconder o seu testa-de-ferro Queiróz.

Até o fechamento dessa edição, Bolsonaro tinha conseguido tomar a liderança do partido na Câmara e repassado para...seu filho.

É uma briga para manter distância. Ganhe quem ganhar, são nossos inimigos de classe.

Crise no Peru tem choque entre as frações burguesas

Pedro Paulo Kuczynski foi eleito em 2016 para a presidência do Peru por uma margem pequena de votos sobre Keiko Fujimori, filha do ex-presidente Alberto Fujimori. Abalado por denúncias de corrupção, Kuczynski afastou-se do cargo e em seu lugar assumiu o primeiro vice-presidente Martín Vizcarra. Quatro ex-presidentes do país foram alvos de investigação, e um deles, Alan García, se matou para evitar a prisão.

Martín Vizcarra tentava uma manobra para modificar a escolha de candidatos para o Tribunal Constitucional peruano, mas diante da oposição no Congresso não conseguiu o seu intento e no último dia 30 de setembro suspendeu as atividades parlamentares, alegando falta de confiança com o artigo 134 da constituição peruana.

O Congresso, de maioria oposicionista, através da base fujimorista e de seus aliados, revidou destituindo o presidente e colocando em seu lugar a segunda vice-presidente Mercedes Aráoz, que em seguida desistiu da presidência interina diante da demonstração de força de Martín Vizcarra que recebeu o apoio das forças armadas e da polícia nacional.

Novas eleições foram convocadas para 26 de janeiro. E a crise entre as frações burguesas peruanas só não as impedem de atacar os direitos dos trabalhadores que devem manter suas lutas a despeito de quem vença essa pendenga eleitoral.

UNESP em chamadas contra o desmonte da educação

As universidades estaduais paulistas têm sofrido com o sucateamento implementado pelos governos tucanos. O repasse de verbas sobre um percentual arrecadado do ICMS está congelado desde 1995, mesmo após a expansão universitária ocorrida nos anos 2000.

A UNESP, que possui campi em diversas cidades, sofre ainda mais essa crise com a proposta de enxugamento de departamentos da universidade.

O Instituto de Artes da UNESP está em luta devido à ação da reitoria de redepartamentalização, que na prática é diminuir a capacidade de trabalho no campus, com o fechamento do Departamento de Artes Cênicas e de Artes Plásticas. Assim, a comunidade acadêmica iniciou uma paralisação das atividades e criou o movimento UNESP em Chamadas!

Pela revogação da redepartamentalização, por mais contratações de professores e técnicos-administrativos por meio de concurso público efetivo e revogação do corte das bolsas de permanência estudantil e pesquisa.



Assembleia dos/as estudantes da UNESP

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativista de esquerda mesmo de carácter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência as ideias de Marx, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo

para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

EDUCAÇÃO NO BRASIL E AS INVESTIDAS DO AUTORITARISMO

Os problemas na Educação têm se arrastado a cada governo. O Orçamento público destinado desde o Ensino Básico (Creches, Fundamental e Médio) até a pós-graduação tem sido sistematicamente reduzido. Com o governo Bolsonaro a situação tem sido agravada.

As verbas do MEC para o Ensino Básico (considerando apenas infraestrutura), de 2018 para 2019, caíram de R\$ 500 milhões para R\$ 230,1 milhões. E para 2020 a situação não é animadora, a previsão de queda é de mais 54% sobre esse valor. Para as Universidades o “contingenciamento” de verbas terá corte de cerca de 30% do Orçamento, colocando em risco o funcionamento dos cursos de graduação e as pesquisas por todo o país.

MANTER PARTE DO ENSINO PRECÁRIO E SOB CONTROLE

A burguesia e o governo brasileiro têm vários olhares sobre a Educação e a qualidade do ensino:

◆ Visualizam e favorecem escolas particulares e universidades, onde seus filhos estudam e se formam, para manterem excelência no padrão de ensino;

◆ Proprietários de empresas ligadas à Educação ofertam o ensino como mercadoria e produto lucrativo (creches, escolas, faculdades) tanto para governos quanto para quem possa pagar e, conseqüentemente, oferecem esse ensino com algum nível de qualidade;

◆ E sobre a Educação pública, onde está a maioria dos filhos da classe trabalhadora, o Estado busca oferecer um ensino básico para

que continuem dependendo de seu próprio trabalho para sobreviver, que prossigam gerando a riqueza do país, com mão de obra barata e precária e com uma aprendizagem suficiente apenas para funções básicas (veja sobre Uberização nesse jornal).

Ao mesmo tempo, busca estender a “gestão” do ensino público (e sua grade curricular nacional), inclusive universitário, e das pesquisas (e sua serventia ou urgência ou necessidade lucrativa) para Organizações Sociais, empresas e órgãos militares.

Dessa forma, a Educação brasileira, se adaptando aos ditames do atual governo, tem tido um brusco e rápido movimento de retirada de verbas públicas (de todos os níveis de ensino e, inclusive, do PROUNI e do FIES) para entrega às instituições privadas, o que tem gerado o aprofundamento da precarização e do sucateamento. Além de um crescente controle da autonomia didático-científica e da construção de uma pedagogia regradada e autoritária.

UM CRESCENTE CONTROLE SOBRE A AUTONOMIA DIDÁTICO-CIENTÍFICA

A precarização e sucateamento do ensino público e a entrega de sua “gestão” para Organizações Sociais, empresas (privatização) e órgãos militares demonstram bem dois projetos (um da burguesia e seus filhos e outro para os filhos da classe trabalhadora) da Educação no governo Bolsonaro.

O Future-se (programa para Universidades e Institutos Federais arrecadem suas próprias verbas e se mantenham) é exemplo de como transferir verba pública e transformar

ensino em mercadoria. E o programa Escola Militarizada (localizadas em áreas de “vulnerabilidade social”, econômica e cultural) é o exemplo de como “enquadrar” um tipo de ensino, o da parcela mais pobre da população.

PARA PROFESSORES PRECARIÉDADE E PERSEGUIÇÃO

Também desde as creches nos municípios, as escolas nos estados e as universidades estaduais e federais têm-se tentativas de precarizar e perseguir a categoria profissional de professores. São assédios, salários rebaixados, perda de direitos e falta de condições de trabalho (material, infraestrutura, pedagógica, salas superlotadas, violência, etc.).

E se avança no controle sobre a liberdade de cátedra (que assegura a liberdade de aprender, pesquisar, pensamento, ensinar, etc.) buscando aplicar o programa Escola Sem Partido, de obrigatoriedade de ensino religioso nas escolas públicas, de nomear reitores fora de lista, interventores em universidades, de vistorias, etc.

Além disso, têm tido várias tentativas de mudanças na LDB como a permissão para “notório saber” lecionar, o que possibilita policial militar acumular cargo de professor.

No mês do Dia dos Professores tem-se a conclusão de que o projeto educacional aplicado no Brasil, sem a participação da maioria de professores, é autoritário e busca também o controle e a submissão dos professores aos ditames dos governos.

TEM SAÍDA?

É cada vez mais evidente a necessidade de construirmos um Projeto Educacional da Classe Trabalhadora por nós trabalhadores (professores, mães, pais, etc.) e estudantes.

Para isso, é fundamental a unidade de estudantes e professores de todas as redes e em nível nacional para assumir a luta por uma Educação libertadora, laica e anticapitalista. Somente assim obrigaremos burguesia, ultradireita e governo recuarem.

SÃO PAULO: DÓRIA APLICA O MESMO PROJETO DE DIVERSAS FORMAS

O governo Dória, em São Paulo, também busca aplicar na Educação o projeto de ensino estabelecido pela burguesia e o governo Bolsonaro.

Desde o início de 2019 insiste em impor programas e normas – como a BNCC Base Nacional Comum Curricular (que torna obrigatórias apenas Português e Matemática); o INOVA (que altera a matriz curricular, o tempo de aula e o tempo na escola); o PEI (para aumentar o número de escolas de Ensino Médio em tempo integral); o NOVOTEC (“profissionalização técnica” rápida, com menos horas e conteúdo reduzido, de acordo com o mercado de trabalho por mão de obra adaptada às necessidades atuais) e o PROERD (programa de resistência às drogas e à violência da Polícia Militar nas escolas públicas) – para as mais de 5mil escolas públicas e as várias ETECs do estado, de forma autoritária e sem dialogar com professores, alunos e comunidade escolar de conjunto.

Com essas medidas está promovendo a maior reforma do ensino básico estadual nos últimos anos, está aprofundando os cortes de verbas de diversas formas e intensificando a participação da iniciativa privada. E dessa vez não se dará apenas com fechamento de períodos noturnos, será também de escolas.

Com tudo isso, ocorrerá um alto índice de desemprego para professores, o aumento do tempo de trabalho e de horas no local de trabalho sem aumento de salário e sem melhorias na condição de trabalho. Dificultará o acesso de estudante trabalhador ao ensino público gratuito noturno. Irá impor às ETECs a redução de conteúdos curriculares e horas-aula para a realização dos cursos nas escolas públicas. Manterá as matrículas de alunos informatizadas e com vagas distribuídas de acordo com o “sistema”.

Assim, não podemos seguir como se os governos da burguesia agissem de forma desorganizada e sem um programa para manter o controle social, os níveis de exploração e sem um projeto educacional nesse sentido.

Não podemos esperar que atual direção sindical da APEOESP organize a luta para derrubar esses programas. É necessária a unidade da esquerda anticapitalista que atua na categoria para avançarmos e fortalecermos a luta para enfrentar Dória.



POUCOS E PÉSSIMOS EMPREGOS

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho) a força de trabalho no mundo está estimada em 3,5 bilhões de trabalhadores. Desses, quase 180 milhões estão sem empregos.

No entanto, o fato de estar empregado nem sempre garante condições de vida decente, pois a maioria dos empregos oferecidos é precarizada (mal remuneração e pouco ou nenhum direito trabalhista), informal e corresponde a 61% do total da força de trabalho mundial.

Essa situação decorre das várias medidas de retiradas de direitos (reformas trabalhistas, terceirização, etc.) implementadas em vários países – desenvolvidos e subdesenvolvidos – no mundo capitalista. Assim, ricos continuam ricos e pobres ficam mais pobres.

A INFORMALIDADE E A PRECARIZAÇÃO TAMBÉM CRECEM NO BRASIL

A classe trabalhadora brasileira passa por essa mesma situação.

Dos empregos gerados nos últimos meses, os informais (sem carteira assinada ou conta própria sem CNPJ) são a maioria. Segundo o DIEESE, são 38 milhões de pessoas nessa condição, ou seja, 41% das pessoas têm alguma ocupação. Enquadra-se como trabalhador por conta própria o ambulante, o autônomo, o PJ (pessoa jurídica, sem vínculo trabalhista), o motoristas de aplicativo, dentre outros.

Cumprem jornadas de trabalho de 15 horas ou mais por dia, sem direito às férias, 13º ou descanso semanal remunerado, em caso de acidente nem auxílio previdenciário têm, pois a imensa maioria não contribui para o INSS.

O rendimento segue a mesma tendência. Conforme o IBGE, enquanto o trabalhador com Carteira assinada ganha em média R\$ 2.169, o empregado por conta própria recebe R\$ 1.427 e o sem o CNPJ, o valor cai ainda para R\$ 1.312.

A REFORMA TRABALHISTA ESCANCAROU AS PORTAS PARA A PRECARIZAÇÃO

Diferente das promessas de políticos quando aprovaram a Reforma Trabalhista e a Lei da Terceirização, o desemprego atinge mais de 12 milhões de pessoas. São quase 5 milhões de pessoas que nem procuram mais emprego. Junto a esses números alarmantes e de empobrecimento deve-se acrescentar outros mais de 7 milhões que trabalham e ganham menos do que precisam.

Com a aprovação dessas leis, as empresas passaram a oferecer empregos com poucos ou nenhum direito e em piores condições. É o que vemos no dia a dia. Para ficar só em um exemplo: trabalho intermitente, quando a empresa paga só pelas horas de trabalho efetivas. É o caso de muitas transportadoras que contratam pessoas só para carregar ou descarregar carretas, prática que era proibida antes da Reforma Trabalhista.

JUVENTUDE: QUANDO O PRESENTE NÃO LEVA AO FUTURO

A juventude é o setor que mais sofre as consequências da crise. Maior exposição à violência, sem condições de concluir os estudos, maiores taxas de desemprego e piores salários. Essas mudanças em relação ao trabalho nessa fase da vida são mais drásticas.

A taxa de desemprego entre os jovens é aproximadamente 27%, mais do dobro da média geral, que é 11,8%. E para o jovem que consegue um emprego, o problema só muda de tamanho, pois em regra é precarizado e com salário bem abaixo da média



Vejam os dados que mostram bem essa situação. Nos últimos 12 meses, os 230 mil jovens que conseguiram um emprego, 89% foram na informalidade (sem carteira assinada ou por conta-própria sem CNPJ). Isso significa que 9 de cada 10 jovens, entre 18 anos e 24 anos, não têm direito às férias, 13º e outros direitos básicos.

Esses são os empregos precários. Há que se falar dos 25% dos jovens que estão em condições ainda mais degradantes, pois não conseguem nem trabalho e nem estudam (os chamados nem-nem). E não é por escolha, mas consequência dessa sociedade que vai descartando pessoas, consideradas por ela, como inúteis.

UBERIZAÇÃO: A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO

No processo de aumento e aprofundamento da exploração capitalista, os empresários vão desenvolvendo várias formas de explorar a classe trabalhadora.

A “moda” é a chamada uberização, pessoas que prestam os mais diversos serviços como o transporte de passageiros, entregas de moto ou de bicicleta e todos comandados por algoritmos que distribuem os serviços conforme variáveis de localização, pontuação, etc.

Por esse sistema, as empresas controladoras dos aplicativos não oferecem os instrumentos de trabalho, não se enquadram na relação de trabalho e, conseqüentemente, não estão obrigadas a pagar nenhum direito, pois o que há é um “contrato de prestação de serviço” intermediado pelos aplicativos.

Em São Paulo são aproximadamente 30 mil ciclistas em vários aplicativos e mais de 50 mil motoristas cadastrados na UBER. No mundo são 3 milhões em mais de 600 cidades do mundo.

A renda dos entregadores com bicicleta chega no máximo a um salário mínimo. Isso se trabalhar 12 horas por dia e 7 dias por semana, conforme matéria do jornal O Estado de São Paulo.

Também convivem com o risco do prejuízo. Caso o carro, a moto ou bicicleta quebrem, todos os custos ficam por conta do trabalhador. Caso fique doente não recebe um centavo, não tem proteção legal, sem falar nos riscos com a segurança como acidentes de trânsito e assaltos.

O resultado é o óbvio: as empresas lucram muito e estão entre aquelas que mais valorizaram no mercado, inclusive atuando nas bolsas de valores.

SEM PATRÃO?

Além da forma de exploração, a uberização traz um elemento ideológico forte que é a falsa ideia de que a pessoa não está sendo explorada, pois ela tem o “seu próprio negócio” ou faz o “o horário que quiser”.

Nada mais falso. Tem sim um patrão que vende um serviço por uma quantia sempre superior a paga ao motorista ou ciclista. E essa diferença é o lucro para a empresa que, nessa relação, aparece na forma de aplicativo, mas são pessoas que lucram, e muito, com o trabalho alheio.

EMPREENDEDORISMO OU NECESSIDADE DE SOBREVIVÊNCIA?

Com o trabalho por conta própria, como vimos, trabalhadores ganham pouco e menos que aqueles com carteira assinada. Então, na imensa maioria dos casos, não é uma escolha, mas a única possibilidade de garantir o seu sustento.

Além disso, o sistema também desenvolveu uma técnica para iludir as pessoas. Elas não se veem mais como trabalhadores, mas como empreendedores e empresários. Ilusão alimentada por programas de TV como o de Luciano Huck. No lugar de se rebelar contra as estafantes jornadas, contra a falta de direitos, etc., sonha apenas em crescer e ser um grande empresário.

Mas, a realidade é uma só: vende a sua força de trabalho, ou seja, é um explorado. Assim, tiram seus direitos e sua condição de trabalhador, a única que de posse da consciência de classe, poderia livrar de todo esse sofrimento.



4º CONGRESSO DA CSP CONLUTAS: POUCOS AVANÇOS E MUITA CRISE POLÍTICA

O 4º Congresso da CSP Conlutas, realizado entre os dias 3 e 6 de outubro, poderia ser um marco na construção e fortalecimento dessa central sindical, mas, como tem ocorrido em outras centrais, a força política majoritária preferiu se esforçar mais na consolidação de sua hegemonia e menos em uma política de unidade da esquerda anticapitalista para impulsionar a classe trabalhadora na luta contra o governo, os ataques aos direitos e toda a ofensiva da direita e da burguesia.

FALTOU UM PLANO DE LUTAS

A conjuntura exige unidade e fortes ações políticas para reverter os ataques aos nossos direitos. Bolsonaro e Paulo Guedes já preparam novas medidas como a Reforma Administrativa para diminuir os serviços públicos e acabar com a estabilidade do funcionalismo; a Reforma Tributária para aumentar os impostos para os pobres e diminuir para os ricos.

E ainda tem o desemprego, as privatizações, a precarização do trabalho e o aumento da miséria, dentre outros. Situação que coloca para os movimentos sociais, de luta e anticapitalistas, principalmente a CSP Conlutas, a obrigação de organizar a resistência junto com a classe trabalhadora. Mas, o Congresso não avançou nesse ponto.

FALTOU UMA CAMPANHA NACIONAL EM DEFESA DA PETROBRÁS 100% PÚBLICA

Também saímos do Congresso sem um plano e uma orientação precisa para que as entidades de base e a classe trabalhadora de conjunto sustentem a luta contra as privatizações, em especial em defesa da Petrobrás que está sendo

entregue ao capital privado.

Essa tarefa não é somente de Petroleiros, é de todas as entidades de luta e da classe trabalhadora tanto para derrotar os planos de Bolsonaro/Guedes de privatização quanto para construir, fortalecer e apoiar a greve de Petroleiros. O resultado dessa luta é tão importante que influenciará na correlação de forças e no enfrentamento entre trabalhadores, burguesia e governo.

Ainda há tempo para reparar esse erro e levar essa campanha às ruas.

ENCONTRO NACIONAL DE BASE: NÃO ESPERAR A BUROCRACIA SINDICAL

Defendemos no Congresso a necessidade de realização de um Encontro Nacional da Classe Trabalhadora como forma de envolver mais categorias, desempregados, por conta própria e também tentar recompor e unificar forças de esquerda anticapitalista do movimento sindical.

Um Encontro preparado a partir dos locais de trabalho, estudo e moradia, ou seja, pela base e não pelas cúpulas, a fim de organizar a classe trabalhadora para conseguirmos barrar os ataques desse governo.

Mas, a direção majoritária optou por buscar um acordo com as cúpulas das centrais pelegas quando diz que “Se as cúpulas das maiores centrais e de diversas organizações (...) tivessem o compromisso de realmente defender os direitos e impedir os ataques do governo, seria o caso de realizar unitariamente um Encontro Nacional de Base de toda a classe trabalhadora e setores populares para organizar a luta”.

É ilusão achar que CUT, CTB ou Força Sindical vão organizar a base das categorias, pois já são parte da gestão do capital e estão perdidas para a luta de classes.

Cabe à Central construir esse Encontro e tentar organizar com as Intersindicais e a Unidade Classista, que estão no campo da esquerda anticapitalista. É urgente avançarmos na organização para enfrentarmos a situação em que a classe trabalhadora de conjunto se encontra.



A DEMOCRACIA OPERÁRIA ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA

A CSP Conlutas tem por princípio a democracia interna, mecanismo para garantir a expressão de todas as posições políticas e para evitar monopólio da Central por uma força política. A ideia é não repetir o processo de burocratização da CUT. Nesse aspecto o Congresso também retrocedeu. Apenas dois elementos:

A insistência de realização de **burocráticos painéis**, introduzidos no movimento pela CUT já burocratizada, em que os palestrantes monopolizam o debate e os participantes ficam na condição de passividade, cabendo-lhes só escutar. Para ter esses painéis até é tirado tempo dos Grupos de Trabalho, espaços para as bases das categorias levarem suas demandas.

Nesse Congresso essa questão ficou pior porque a “mesa de conjuntura” tinha, por imposição da direção majoritária, apenas duas pessoas, o que boicotava a participação de demais forças políticas.

A defesa de propostas em **Plenárias** sofreu ainda mais com a falta de democracia. Era necessário que as propostas tivessem ao menos 10% de votos nos Grupos de Trabalho para irem ao plenário. Mas, com o objetivo de impor a aprovação de suas propostas, a direção majoritária impôs um funcionamento em que votações de propostas semelhantes ocorressem em oposição uma com a outra. Assim fragmentava as propostas de minorias, impedir que se unificassem e até o debate real. Consideramos como manobras essa forma de conduzir o Congresso, ataque à democracia interna, realizadas para assegurar o controle pela direção majoritária.

UMA CENTRAL EM CRISE

Esse foi o menor e o mais despolitizado Congresso da CSP Conlutas. O número de delegados não se explica somente pelas dificuldades

financeiras dos sindicatos, há um aprofundamento da crise política da Central. Muitos sindicatos optaram por não participar por não verem importância em fortalecê-la.

É um problema que a direção majoritária, com uma postura auto proclamatória, nem reconheça a existência da crise. É necessário recompor a unidade da Central.

- A Central perdeu influência política. Há risco de desfiliação, por força de oposições cutistas, em entidades como o SINASEFE e ANDES. Ocorreu a filiação de novas entidades, mas com base de representação muito pequena.

- Não conseguiu liderar mobilizações significativas e mesmo na luta contra a Reforma Previdenciária não teve forças para impulsionar uma luta independente das direções pelegas;

- A unidade entre as correntes políticas na Central está fragilizada. São diferenças políticas, mas a corrente majoritária busca mais a ruptura do que a necessária unidade;

- Há atos burocráticos como manobras nos estados/entidades para se tornar maioria, por exemplo, e pouco se avança na ida à base das categorias. Evidente que as correntes minoritárias também têm responsabilidades quando se abstêm da luta política e do combate a esses métodos;

- Por fim, insistimos na ausência de uma política para as massas de trabalhadores, para categorias como a de Petroleiros e na falta de deliberações e calendários para um Encontro Nacional de Trabalhadores.

UNIDADE “COM TODOS” PARA LUTAR. É A UNIDADE DA ESQUERDA ANTICAPITALISTA?

Considerando todos esses elementos pensamos que o Congresso deu um passo atrás em várias questões, principalmente em relação à unidade da esquerda, ponto fundamental na atual conjuntura. O apelo à CUT e demais centrais sindicais pelegas é ilusão e serve para atrasar a luta. Nós defendemos a constituição de uma Frente de Esquerda Anticapitalista na luta contra a crise e todos os ataques aos direitos da classe trabalhadora. É hora de andarmos com as próprias pernas.



52 ANOS DA MORTE DE CHE GUEVARA: O GUERRILHEIRO SOCIALISTA DO SÉCULO XX

Uma das figuras mais importantes do século passado, o argentino Ernesto Che Guevara faleceu às 11h15 no dia 9 de outubro de 1967, numa pequena cidade na Bolívia, chamada La Higuera.

Depois de sua importante participação na vitoriosa Revolução Cubana de 1959, o revolucionário comunista participou de uma ação fracassada no Congo e retornou à América na tentativa de outra luta revolucionária, escolheu a Bolívia, na época um dos mais pobres países do continente e avaliou que seria o local com mais condições de uma insurreição popular e vitória do Partido Comunista.

Após meses de treinamento na selva amazônica boliviana, foi descoberto pelo Governo Boliviano, que assim como a maioria dos países latinos, vivia uma ditadura militar financiada pelos EUA.

E assim se encerrou uma busca incessante na Quebrada del Yuro em 8 de outubro daquele ano, foi encurralado pelo exército local, que era financiado pelos EUA, e foi levado para uma escolinha em La Higuera, onde foi interrogado e morto a tiros.

Sua história e sua bravura inspiram até hoje, comunistas do mundo todo, pois o revolucionário dedicou sua vida à organização e atuação na conquista da Revolução Socialista.

É muito importante destacar que após a Revolução Cubana, Che conseguiu a nacionalidade

daquele país e assumiu altos cargos no governo, como o de presidente do Banco Central de Cuba, mas não se contentou em assumir um cargo burocrático e seguir uma vida rotineira enquanto a desigualdade e a opressão sob o sistema capitalista continuava vigorando em todo o mundo, entendia a importância do caráter internacionalista da luta revolucionária socialista: não há a possibilidade de um só país se manter socialista, é necessário irradiar a luta e acabar com todo o sistema do Capital!

Setores stalinistas do Partido Comunista não gostavam muito de suas posições e ações, mas isso não impediu nem convenceu Che Guevara do contrário, saiu de Cuba e voltou às trincheiras na luta direta, com a necessidade urgente da revolução mundial.

Precisamos destacar ainda, que há muitas polêmicas envolvendo seu nome e suas práticas, não há um consenso geral sobre isso; mas neste momento em que lembramos não apenas a sua morte, mas toda a sua trajetória de luta, se faz mais necessário lembrar que o guerrilheiro socialista não era apenas um símbolo para estampar camisetas.

Ernesto Che Guevara deixou um importante legado de que a luta, ainda que difícil, é necessária e constante, o capitalismo não vai negociar o seu fim, é preciso que peguemos a Revolução nas mãos e acabemos com esse sistema exploratório e opressor em todo mundo!

Enquanto tremermos de indignação a cada injustiça cometida no mundo, nos manteremos companheiros à luta socialista e à memória de Che Guevara e todos os combatentes socialistas que deram suas vidas pela Revolução Comunista!



Che Guevara em mutirão no corte de cana após a Revolução

JUNTAR PARA SE REBELAR

Nos encontramos num contexto deprimente e sem esperança, principalmente nós jovens que somos os mais atingidos pelo desemprego, várias formas de violência e outras mazelas.

O trabalho é fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento da vida. É até estranho observar a falta de revoltas massivas por parte de desempregados e de pessoas atingidas pelas consequências do desemprego em casa.

Talvez rebeliões e revoltas massivas envolvendo a juventude desempregada ainda não ocorram por ter parte desses jovens ainda morando com os pais, o que transfere de certa forma o peso da responsabilidade e da necessidade de trabalho para um pai ou mãe de família.

No primeiro trimestre de 2019, dentre os jovens de 18 a 24 anos, 41,8% eram “subutilizados” (desempregados, desistiram de procurar emprego ou tem mais tempo para trabalhar). Já imaginou os mais de 7.300 milhões de jovens desempregados se organizando nas lutas e revoltas para exigir o direito de ter emprego com direitos para poder sobreviver?

Hoje, além das consequências do desemprego temos também a pressão da sociedade que cobra o tempo todo a autossuficiência e a competência, o que nos leva a um desgaste da saúde mental.

Não é à toa o grande número de jovens com problemas psicológicos, principalmente das últimas gerações, por não sentirem certos prazeres, satisfazerem certos desejos, sofrerem repressão o tempo todo e assédio (até mesmo religioso). Não é difícil, assim, as drogas aparecerem como alternativa de vida onipresente.

As formas de violência contra a juventude são várias, mas se observarmos o Atlas da Violência (IPEA/2019) podemos ver que mais 35.700 mil jovens, entre 15 e 29 anos, sofreram homicídio.

Por que esse tipo de vida para nós que somos filhos e filhas da classe trabalhadora? Por que o nosso

“A gente sabe onde a bala perdida vai se encontrar É tempo de tá junto De se organizar Trocar ideia com o vizinho E não só pelo celular”

silêncio coletivo? Por que toda essa apatia? Por que não reagir?

O máximo que temos deixado acontecer, numa escala considerável, é a insatisfação, as reclamações e as exigências para que o governo deixe de fazer e o que faz de errado. E isso não adianta somente exigir entre nós e nas redes sociais. Caso a gente queira um outro mundo, em que as pessoas possam viver sem aceitar a escravidão e a exploração, temos que lutar muito, não há outra alternativa!

Temos que nos juntar. Somos muitas e muitos descartados pelo modo de vida capitalista. Temos que nos revoltar e nos rebelar por querer viver, trabalhar, estudar, amar e reconhecer os prazeres de viver por caminhos de luta!

Barrar o extermínio da juventude e barrar a superexploração da juventude somente em um mundo novo, mas em todas as revoluções que aconteceram no mundo para mudar situações como essas os jovens foram essenciais. Certamente esses governos e políticos nada farão para melhorar a vida dos jovens, muito pelo contrário, só nós podemos fazer por nós mesmos.

Contra a exploração, a autoridade que quer nos submeter, todo o preconceito, o racismo, a lgbtfobia, o machismo, a repressão e o genocídio que afetam diretamente a juventude! Venha se organizar para construirmos a luta contra tudo isso!



Mobilização secundarista em São Paulo - 2016



ALGUNS ELEMENTOS DA HISTÓRIA DO HAITI

Os espanhóis foram os primeiros colonizadores do Haiti, responsáveis pelo extermínio dos povos originários Aruaques e Taínos. Cedida à França em 1697, foi a mais próspera colônia, produzindo com o trabalho escravo o cacau, café e açúcar.

A partir da experiência da Revolução Francesa, sob a liderança de Toussaint Louverture, em 1791, teve início a primeira e única revolta popular a abolir a escravidão e conquistar a independência nas Américas. Essa revolta teve prosseguimento e em fins de 1803 o país se tornou independente. Em 1804 se livrou definitivamente da escravidão.

Foi uma luta tão importante que instalou o pânico entre os escravocratas das demais colônias, com medo de uma revolta semelhante em seus territórios.

Pela sua ousadia o povo do Haiti enfrentou a reação da burguesia francesa que enviou duas expedições, com dezenas de milhares de militares. O isolamento comercial por conta de um longo bloqueio impediu a reorganização da economia, praticamente obrigando o governo independente a orientar a produção para a agricultura de subsistência e condenando o país à miséria.

Os limites da Revolução Haitiana, a falta de condições históricas para um sistema social alternativo ao capitalismo que começava a dominar o mundo

e a fragilidade econômica levaram a sucessivos regimes políticos muito instáveis com golpes articulados externa e internamente.

Desde a Independência e a República foram quase 30 golpes de Estado, invasão dos Estados Unidos (1915 e 1934) e uma feroz ditadura de 1957 até 1986. Em 1990, foi eleito o padre Jean Bertrand Aristides, deposto no ano seguinte por um Golpe de Estado. Reeleito, toma posse em 2001 e novamente é “obrigado a renunciar” em 2004.

Para conter a instabilidade política sob ordem direta dos Estados Unidos, o Brasil ocupa militarmente o país de 2004 a 2017, chefiando a MINUSTA (forças militares que controlam o país).

Apesar da fachada humanitária, as missões foram Forças de Ocupação, à revelia do povo haitiano. Muitas denúncias foram feitas como de abuso sexual, colaboração com a repressão política e até com chacinas como a ocorrida em 6 de julho de 2004.

A atuação do exército brasileiro serviu de laboratório para as Forças Armadas atuarem nos morros e favelas, principalmente do Rio de Janeiro.

2019: GREVES GERAIS NO HAITI

Sucessivos governos ditatoriais e corruptos exploram o povo haitiano há décadas, deixando-o em condições de vida precária e miserável. A pobreza sempre esteve na base das inúmeras

GREVE GERAL NO HAITI: O POVO EXIGE A RENÚNCIA DE MOISE

rebeliões do povo haitiano nos últimos anos. Hoje, o desemprego atinge 80% da população. Essa situação social foi agravada por terremotos, que já mataram mais de 230 mil pessoas desde 1995 e deixaram o país no caos.

O atual presidente, Juvenel Moise, ligado à alta burguesia haitiana, é um exemplo da influência dos Estados Unidos no país. Apoiado diretamente pelos Estados Unidos e pelo FMI, a sua política econômica vem submetendo o povo haitiano à uma brutal exploração. Até mesmo sua legitimidade de presidente é questionada pois, no universo de mais de 6 milhões de eleitores, teve menos de 600 mil votos.

Desde que assumiu a presidência, há três anos, o Haiti tem passado por diversas crises políticas, com insurreições populares respondidas com violência policial com muitas mortes de populares. Em 2019 não tem sido diferente. Em fevereiro foram 11 dias de Greve Geral. Em abril foram mais 10 dias. Nova Greve Geral em junho e julho. Essa última, iniciada em setembro, tem sido a mais longa e com manifestações de ruas por dias seguidos.

As manifestações continuam paralisando a economia do país: atividades comerciais e de transporte público estão suspensas pelas violentas manifestações espalhadas pela capital, principalmente, com as vias bloqueadas por barricadas.

Há quatro semanas que a população vai às ruas por, inicialmente, redução e depois suspensão da distribuição de combustível, o que impede os habitantes de se locomoverem para o trabalho, se alimentarem, e o funcionamento dos órgãos

públicos. Também pesa os sucessivos casos de corrupção envolvendo o governo Moise.

Diversas vias principais da capital haitiana foram bloqueadas por barricadas em chamas, montadas pelos manifestantes. As manifestações reúnem milhares de pessoas, paralisando o país.

Desde o início da crise no ano passado, a repressão policial tem sido brutal com dezenas de pessoas mortas. A polícia tem contado com o apoio de gangues e milícias pró-governo, principalmente no interior do país.

POVO LUTA PELA RENÚNCIA DO MOISE

Haiti atualmente é o país mais pobre das Américas. Cerca de 56% da população está abaixo da linha de pobreza absoluta; a expectativa de vida é de 58,1 anos; 72% não têm acesso a saneamento básico; 75% sem acesso a água potável; 39% de analfabetismo; 49% de crianças sem escolarização; mais 30% da população vive em estado de crise alimentar, entre outros graves problemas sociais.

Essa situação social é que está na base das sucessivas revoltas e rebeliões populares contra o governo. E como os capitalistas instalados no Haiti não permitem que mude essa situação só resta ao povo continuar lutando. Importante destacar que essa luta tem sido de forma unitária entre as várias forças de oposição.

E a principal reivindicação é a renúncia de Moise.

A oposição e os manifestantes se recusaram buscar acordo com o governo, que seria

intermediado por representantes internacionais. Nessas mobilizações também pedem a não interferência de organismos e governos estrangeiros no país que fuja ao objetivo da vontade dos manifestantes.

PARA RESOLVER A CRISE, A ÚNICA SAÍDA É O SOCIALISMO

Constantemente ouvimos que o socialismo não deu certo em lugar nenhum. Afirmção de quem nem conhece História. Primeiro porque a humanidade ainda não conheceu um país socialista de fato. União Soviética, Cuba, Coreia do Norte, mesmo tendo expropriado a burguesia, não avançaram para o socialismo. Segundo, porque ignora o fato de a totalidade dos países no mundo ser capitalista.

O Haiti é a demonstração do que é o capitalismo. Com potencialidades agrícolas, industriais e turísticas, mas é um dos países mais pobres do mundo por conta da superexploração. Vejamos a indústria têxtil, principal produto de exportação e ramo que os trabalhadores ganham menos de 5 dólares por dia.

Diferente do que a burguesia diz: o Haiti não é vítima de catástrofes naturais, a catástrofe é o capitalismo. Por isso, a luta precisa buscar resolver os problemas econômicos-sociais, mas só a Revolução Socialista, é a classe trabalhadora haitiana no controle do seu destino.



gravura retratando a luta contra a burguesia francesa

CLUBE EMPRE\$A: O CAPITAL DEVORA DEFINITIVAMENTE O FUTEBOL

Tramita na Câmara dos Deputados o projeto do deputado Pedro Paulo (DEM-RJ), o mesmo que foi denunciado por agressão à esposa. É a criação do chamado de “Clube empresa”. O projeto, se aprovado, pretende estimular a migração de clubes para o modelo empresarial nas opções já existentes, como companhia limitada e sociedade anônima, oferecendo vários benefícios aos clubes. Vamos a eles:

a) Recuperação judicial - permite que todos os bloqueios e penhoras sobre um clube sejam suspensos por seis meses e que, dessa forma, haja um calote de grande parte da dívida, desde que os credores (fornecedores e ex-funcionários) aceitem o plano proposto pela empresa. Isso costuma acontecer, com acordos envolvendo o abatimento dos valores devidos variando de 50% até mais de 90% do montante da dívida;

b) Novo refinanciamento de dívidas fiscais – as dívidas fiscais não poderão ser incluídas em processos de recuperação judicial. O projeto engloba um percentual de reduções, com abatimento de 50% dos juros sobre as dívidas.

c) Os clubes que aderirem a este refinanciamento por meio de suas empresas precisariam pagar antecipadamente 15% da dívida consolidada por meio do refinanciamento. As agremiações que optaram pelo Profut (Programa de Modernização da Gestão de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, de 2015, quando o governo Dilma perdoou dívidas milionárias dos clubes) não precisariam fazer um pagamento deste tipo após a entrada. Os clubes teriam o prazo de 20 anos para quitar os impostos não pagos;

d) Fundo Garantidor para clubes quebrados - o projeto cria um fundo abastecido por todos os clubes do país, com um percentual sobre o faturamento, cujo dinheiro poderá ser usado para resgatar clubes em “insolvência irreversível”;

e) Fim dos direitos trabalhistas para jogadores – o projeto permite que um jogador com salários

superiores a R\$ 10 mil mensais (cerca de 2,5% do total de atletas registrados na CBF) possa assinar um contrato com o clube em questão sem que tenha direitos trabalhistas garantidos por ele, só recebendo direito de imagem. Jogadores abaixo de R\$ 10 mil mensais continuariam a ter direitos trabalhistas obrigatórios.

f) O projeto de Pedro Paulo também elimina a necessidade de diploma para determinadas funções da comissão técnica, aprofundando nesta área a precarização imposta pela Reforma Trabalhista de 2017;

g) Equiparação da tributação entre associações e empresas – para estimular a migração para estrutura empresarial, o projeto pretende aplicar todos esses impostos sobre associações sem fins lucrativos com faturamento anual de R\$ 5 milhões anuais;

h) Duplicação do mecanismo de solidariedade – no projeto, os clubes passariam a destinar até 10% de transferências nacionais para os respectivos clubes que formaram e revelaram atletas.

O PROJETO NO SENADO: A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE ANÔNIMA ESPORTIVA

Paralelamente, ao projeto do deputado Pedro Paulo na Câmara dos Deputados, existe também o Projeto de Lei do Senado n. 68/2017 que busca instituir a Lei Geral do Desporto, que inclui entre os seus artigos a criação da Sociedade Anônima Esportiva (SAE). Entre os articuladores dessa discussão no Senado, está o ex-jogador Romário (PODEMOS/RJ) e a ex-atleta do vôlei, Leila (PSB-DF).

Diferente do projeto de Pedro Paulo que cria benefícios específicos aos clubes que se tornarem empresas, como perdão de dívidas ou a entrada facilitada em uma recuperação judicial, a SAE apenas põe regras estruturais para que associações façam a migração para ela:

a) Direitos de ações classe A - o projeto prevê, por exemplo, a possibilidade de um acionista ter poder de veto em determinadas situações

desde que mantenha pelo menos 10% de ações “classe A”, como mudanças de escudos, símbolos, cores, até às medidas drásticas como pedido de recuperação judicial, mesmo que outros acionistas tenham 90% das ações desta classe e sejam contrários;

b) Veto a acionista com mais de uma SAE - projeto prevê a proibição da participação de um mesmo acionista sobre o capital social de duas SAEs;

c) Administração profissional – a SAE deve ser administrada por um Conselho de Administração com dedicação exclusiva dos administradores à gestão da SAE, ou seja, profissionais para este fim.

GOVERNO BOLSONARO: “CHOQUE DE CAPITALISMO”

Não para aí: além da Câmara de Deputados e do Senado, Bolsonaro também prepara o seu projeto, através de uma equipe liderada pelo empresário Guilherme Afif Domingos, assessor especial de Paulo Guedes. Segundo Afif, é o “Choque de bola” (ou de capitalismo). De acordo com o candidato derrotado nas eleições presidenciais de 1989, *“o futebol é um grande mercado, há bilhões de reais que estamos deixando escapar”*.

A ideia do governo é criar uma estrutura societária alternativa para clubes de futebol, cujo nome provisório é Sociedade Anônima do Futebol (SAF), que resguarde particularidades deste mercado que não estão presentes em outras regulamentações.

As características propostas com a criação da SAE no Senado estão também na SAF, mas esta última acrescenta uma proposta: um prazo de transição para pagamento de impostos. Atualmente as associações sem fins



lucrativos possuem isenções sobre uma série de impostos que empresas estão obrigadas a pagar.

Para se adequar a SAF, os clubes teriam um prazo de dez anos para o pagamento total dos impostos, em que o percentual subiria gradualmente, ano após ano, até chegar ao máximo.

As três iniciativas (Câmara, Senado e Executivo) se complementam na concepção de transformar os atuais clubes em empresas viáveis e saneadas, com perdões milionários de dívidas fiscais e precarização nas relações trabalhistas. E a partir disso, como se está loteando o país, os clubes empresas poderiam ser vendidos para alguma corporação internacional, como o Paris Saint-Germain, ou para milionários, como o Manchester United e o Chelsea da Inglaterra.

O FIM DO FUTEBOL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL POPULAR: UM BALANCETE CONTRA OUTRO BALANCETE

O futebol – o principal traço cultural do brasileiro, como escreveu o comunista, jornalista e treinador João Saldanha – que começou aristocrático e se popularizou com o surgimento dos clubes operários e a penetração de pobres, negros, mestiços e índios nos seus times e torcidas no século XX, perderia de vez esse traço plebeu.

O futebol negócio foi um processo construído ao longo das últimas cinco décadas, com as propagandas de fornecedores e empresas nas camisas dos clubes, o televisionamento direto dos jogos, a criação de “arenas” elitistas em substituição aos antigos estádios populares, a proliferação das loterias de jogos, etc.

E, voltando novamente a João Saldanha, com o clube empresa seríamos obrigados a torcer por um balancete contra outro balancete. Definitivamente, o fim de uma paixão genuinamente popular.

